

Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti

**Pós-graduação em Supervisão Pedagógica e
Formação de Formadores**

A CRIANÇA CIGANA E A ESCOLA

Ana Rute Gouveia Lourenço nº 2007267

Anabela do Rosário Lopes de Oliveira nº2007255

Carla Edite M. R. L. dos Santos Correia nº2007261

**Porto
2007/2008**

Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti

**Pós-graduação em Supervisão Pedagógica e
Formação de Formadores**

A CRIANÇA CIGANA E A ESCOLA

Professor: João Gouveia

*Trabalho realizado para a disciplina de Projecto de
Investigação*

**Porto
2007/2008**

Índice

Introdução	1
CAPITULO I - Contextualização da Cultura Cigana	4
1. Generalidades da Cultura Cigana	5
1.1. A Família	6
1.2. O Luto Face à Morte e à Doença	8
1.3. O Casamento	9
1.4. O Papel da Mulher na Comunidade Cigana	11
1.5. Língua	11
1.6. Ocupação	12
2. Escolarização das Crianças	13
CAPÍTULO II - Atitudes	16
1. Atitudes: Conceito e Características	17
2. Atitudes dos Ciganos na Escola	17
2.1. Socialização	18
2.2. Perspectivas	19
2.3 Representações	20
CAPÍTULO III - Problemática e Metodologia	21
1. Problemática	22
2. Metodologia	23
2.1. Amostra	24
2.2. Instrumento	26
2.3 – Procedimentos.....	28

CAPÍTULO IV - Apresentação dos Resultados	29
1. Breve Caracterização do Contexto de Origem das Crianças	30
2. As Preferências Disciplinares das Crianças Consoante as Suas Características Pessoais	35
3. A Utilidade que as Crianças Atribuem à Escola	36
4. Relação com o Professor.....	40
5. Perspectivas Futuras	43
5.1. As Perspectivas Escolares	43
5.2. As Perspectivas Profissionais.....	44
Conclusão	47
Referências Bibliográficas.....	50
Anexos.....	53

Introdução

“ (...) Se nos entregarmos à inércia, é possível que continuemos a navegar à deriva, ou ainda mais grave, rumo ao abismo. Não há ventos favoráveis para um barco à deriva. É necessário que nos questionemos constantemente sobre o papel da escola, a sua função na sociedade e natureza das suas práticas numa cultura em mudança. As escolas têm de romper com a dinâmica obsessiva do ensino, assumindo-se como uma inquietante interrogação sobre a aprendizagem. Sobre a sua própria aprendizagem (...)”

In “A Escola que Aprende”, Miguel Angel Santos Guerra,
Porto, Edições Asa, 2000

Igualdade, um conceito que tantas vezes ouvimos, mas que, ainda hoje, muitas vezes é ignorado. A luta pelo ideal da igualdade para todos os homens remonta já aos tempos da Antiguidade, mas foi durante a Revolução Francesa que este ideal se assumiu claramente como fundamental.

A noção de igualdade teve também impacto no domínio da educação escolar, difundindo-se a escolaridade primária e tornando a mesma obrigatória para todos. A primeira preocupação foi a igualdade de acesso. O que estava em questão era que todos tivessem a oportunidade de aceder aos bens educativos, independentemente do tipo de aproveitamento que retiravam dos mesmos; do estrato social ou da própria etnia das crianças.

Como tal, as medidas foram mais voltadas para a construção ou melhoramento de infra-estruturas e para a melhoria de condições económicas das famílias, de estratos sociais mais desfavorecidos, de forma a aumentar a sua valorização face à escola. Contudo, estas medidas não foram as suficientes para amenizar as fortes discriminações e processos de rejeição a que os ciganos têm sido alvo, desde que se deslocaram do seu território de origem. Aliás, essa rejeição provocou um fechamento face a outras culturas, que permitiu, por um lado, que a população cigana conservasse a sua cultura, e por outro lado que ficasse mais desarticulada numa sociedade onde o conhecimento e o nível educacional das pessoas assume um peso fundamental.

Esta nova realidade exige um novo papel por parte a escola que passa agora a ter que encontrar formas adequadas de promover a igualdade de oportunidades, adequando-se, o mais possível, à diversidade cultural da sociedade em que nos inserimos. É um modelo de escola, aberta à diferença, onde se tenta que as minorias encontrem uma resposta às suas necessidades especiais.

Reconhecendo a importância do impacto das diferentes culturas no campo académico, torna-se crucial adoptar uma postura activa, que passe antes de mais, por detectar e compreender as diferentes atitudes e comportamentos das crianças de diferentes etnias em contexto escolar, para assim, mais facilmente chegarmos aos seus valores mais intrínsecos e às suas concepções da realidade. Pois são estas, juntamente com as influências que recebem do seu meio envolvente, que irão ditar as experiências, os interesses e os esforços desenvolvidos por cada criança.

Só com este trabalho e com o rompimento de algumas grelhas rígidas, que tratam todas as crianças de igual modo, é que as escolas se poderão organizar para a promoção de uma verdadeira educação multicultural, onde os alunos, pais e comunidade passem a ser percebidos como uma unidade legítima de observação e marcados por contextos únicos, onde tenham confiança na escola e a vejam como um lugar de transmissão de conhecimentos, valores, atitudes, mas também onde há festa, divertimento e interacção.

A escola possui a vantagem de ser, uma das instituições sociais em que é possível o encontro das diferentes presenças. Ela é também um espaço sociocultural marcado por símbolos, rituais, crenças, culturas e valores. Assim, a questão da diversidade cultural na escola deveria ser vista como algo fascinante e proporcional às relações humanas.

Este trabalho foi dividido em duas partes. Na primeira parte, o enquadramento teórico é constituído por dois capítulos. O primeiro intitulado, contextualização da cultura cigana. Começamos por desenvolver o conceito de cultura segundo a perspectiva de diferentes autores. Em seguida abordamos a história da cultura cigana e a sua fixação em Portugal. Para compreendermos este povo desenvolvemos aspectos genéricos da cultura cigana: a coesão

familiar, o luto face, à morte e à doença, o casamento e a criança, o papel da mulher, a língua, a ocupação. Finalmente abordamos a escolarização destas crianças.

Segundo Costa (1996) “A escolarização é importante, senão fundamental para as gerações ciganas actuais”.

No capítulo dois vamos ao encontro de um dos grandes conceitos de Psicologia Social, as atitudes. No primeiro ponto abordamos o seu conceito segundo a perspectiva de diferentes autores e as suas características. Em seguida debruçamo-nos sobre a formação das atitudes e as medidas das mesmas. No ponto três abordamos as atitudes dos ciganos na escola através da socialização, das perspectivas e representações.

A segunda parte será em torno do estudo empírico que se desenvolveu, em primeiro lugar, com o preenchimento, pelos alunos de etnia cigana e pelos encarregados de educação, de questionários construídos para o pretendido. Posteriormente procedeu-se ao apuramento e análise dos resultados. Esta segunda parte é constituída por dois capítulos: capítulo III e capítulo IV.

No capítulo III, no primeiro ponto problematiza-se a questão em estudo, e formulamos objectivos a atingir ao longo do estudo. No ponto dois, é exposta a metodologia utilizada, através da amostra, do instrumento e os seus procedimentos.

No capítulo IV, faz-se uma apresentação da análise dos resultados do estudo. No primeiro ponto fazemos uma breve caracterização do contexto de origem das crianças, no segundo ponto, damos a conhecer as suas preferências e de seguida a utilidade que atribuem à escola. O ponto quatro diz respeito à relação com o professor e, no ponto cinco vamos de encontro às perspectivas futuras das crianças de etnia cigana. Finalmente, em conclusão, resume-se os principais dados da pesquisa.

O trabalho é concluído com as referências bibliográficas e alguns anexos considerados de interesse.

CAPÍTULO I

Contextualização da Cultura Cigana

1. Generalidades da Cultura Cigana

Para Fraser (1997, p.7) “ ao longo dos séculos, apesar de constantemente expostos a múltiplas influências e pressões, os ciganos conseguiram preservar uma identidade própria e demonstrar notável capacidade de adaptação e sobrevivência”.

Diversos nomes e designações foram atribuídos aos ciganos. Na Grécia, apelidavam-nos de “ atsingani”, termo oriundo do grego medieval “ atinganoi” que significa “ intocável” e outorgado no século XII a uma seita, cujos seguidores consideravam impuro todo o género de contacto e aproximação com as pessoas que não partilhavam as suas crenças.

“ Os ciganos apresentam uma organização social muito próxima da sua ascendência (...) e, nesta medida, irredutível à morfologia predominante na Europa”, como refere Coelho (1995, p. 16).

Existem também outros grupos que adoptam um estilo de vida errante similar a alguns ciganos, pelo que existe a tendência para os confundir. Assim como os ciganos, demarcam-se dos “Gadjé”, o conjunto da população não cigana.

Segundo Fonseca, (1996, p.103), “normalmente os ciganos não se interessam pela história do seu povo. A memória mais antiga está depositada na pessoa mais velha do grupo”.

Neste processo de encontros e desencontros, decorrentes das viagens, dos percursos, da itinerância dos ciganos, assiste-se ao desenvolvimento de laços de afectividade e solidariedade dentro da própria etnia cigana, em consonância, com o prazer pela aventura, pela independência. As oportunidades de ancoragem em múltiplos destinos, foram sendo maximizadas e equacionadas de acordo com as necessidades socioeconómicas do momento, decorrentes, frequentemente, de períodos turbulentos que atravessaram diversos países. No entanto, das recepções nos locais, ressaltaram apelos inebriados de discordância quanto a um modo de vida

distinto e, em muitos aspectos, oposto às vivências generalizadas, que se traduziam em medidas extremadas de recusa do diferente.

Para a comunidade cigana a cultura é essencialmente uma herança cultural, um património que se transmite de geração para geração, que não é veiculada pela hereditariedade biológica mas sim pela aprendizagem.

A cultura cigana, em contacto com outras culturas, vai assimilando, adaptando, integrando aspectos das culturas maioritárias em que se encontram inseridos.

A confrontação continuada com as perseguições policiais e legislativas foi contribuindo, de modo, significativo para a sedentarização dos ciganos.

No entender de Garrido (1999), os ciganos estão conscientes de que em todo o processo de adaptação ao meio se perdem alguns traços culturais, se ganham outros e aparecem de novo uns terceiros, mas a sociedade maioritária mantém-se inalterável.

Frequentemente, é defendido que todos querem os ciganos sedentarizados e integrados socialmente.

Em Portugal, estima-se que a maior parte dos ciganos se terá sedentarizado junto dos grandes centros urbanos, embora se possa falar de dispersão dos ciganos um pouco por todo o território nacional. Os ciganos acabaram por se fixar em zonas mais favoráveis para a sua actividade principal: a venda ambulante.

Por força da sedentarização vai-se notando, cada vez mais uma “acomodação” por parte dos ciganos, em relação aos valores culturais tradicionais.

1.1. A Família

A família é encarada, como espaço de afectos, de trocas mútuas, de reconhecimento cultural, constituindo-se como centro nevrálgico, aglutinador das diferentes esferas que compõem e suportam a etnia cigana.

De acordo com Nunes (1996, pp. 212), “ devido à força da tradição, à coesão, à estrutura familiar e à sua situação marginal, a cultura cigana tem-se mantido quase inalterada.

A vida do cigano gira em torno da família, a qual se constitui numa cadeia de membros solidários face ao estranho. A família é a célula base desta sociedade, (...) Sedentários ou nómadas, os ciganos reconhecem-se em família e é dentro desta que a autoridade se exerce e que as leis de comportamento se cumprem. O indivíduo é naturalmente importante, mas como peça com um lugar e com regras a cumprir para a harmonia do conjunto”.

“ O povo cigano tem vivido sepultado no reduzido mundo do seu clã familiar”, refere o mesmo autor (1996, p 35).

A comunidade cigana está ligada por laços de parentesco directos ou indirectos pelo matrimónio. A família protege os seus membros, coloca a ideia de comunidade acima do indivíduo.

Embora a nível cultural, se esteja a sentir uma progressiva integração dos princípios tradicionais nos da nossa cultura, a maior parte dos membros deste grupo, continuam a seguir os seus costumes e, quando se casam, têm normalmente grande número de filhos para aumentar a força do grupo de parentesco. No seio da família, a protecção definida entre os indivíduos constitui um dado adquirido. Estende-se aos adultos, às crianças, às pessoas idosas detentoras de experiência e aos incapacitados.

Cada família organiza a sua visão e interpretação do mundo a partir das suas próprias experiências e vivências, assim como, globalmente, de um saber específico adquirido através das trocas estabelecidas quotidianamente com a sociedade envolvente. Esta unidade não se confina à família nuclear. Define-se, antes, por um conjunto extenso formado por várias famílias nucleares, relacionadas por laços de consanguinidade, onde prevalece a vontade do grupo. Neste contexto, o estatuto e os papéis diferenciados, predominando uma hierarquia etária e sexual, em simultâneo com uma divisão sexual de tarefas, de funções e dos estatutos. Estes aspectos, próprios da organização e estratificação social das comunidades e que enformam as suas condutas, relações e interacções sociais, podem originar, situações de isolamento e de exclusão social, que decorrem, sobretudo, do desconhecimento mutuo

existente entre ciganos e não – ciganos, potenciando determinados fenómenos de incompreensão, incomunicação e discriminação.

Os pais e as mães ciganas dedicam um amor intenso aos filhos. Dão-lhes todas as liberdades, procuram o melhor alimento para eles, acarinhando-os e defendendo-os de todos os perigos.

Para Nunes (1996), os ciganos protegem-se reciprocamente e mostram-no em ocasiões críticas, como em casos de prisão de alguns deles, de hospitalização ou perseguição policial.

“ A liderança na etnia cigana processa-se com base no sexo e idade, sendo a figura mais importante o “ tio” que procura assumir o seu papel, tentando aconselhar da melhor forma sobre comportamentos e atitudes mais correctas”, refere Pinto (1995, p. 54).

1.2. O Luto Face à Morte e à Doença

Quer na doença, quer na morte, há um sentido de família muito grande. Aos funerais e missas vêm ciganos de todo o país e, se houver algum mal entendido entre as famílias, tudo é esquecido. “ A morte, sentida e vivida de uma forma extremamente significativa impõe que todos os familiares guardem o luto de uma forma mais ou menos rígida e um período que pode ir de algumas semanas a anos, dependendo da relação e grau de parentesco existente com o defunto “ refere Pinto (2000, p. 50)

Na comunidade cigana a crença no reino dos mortos está enraizada, acreditando haver uma vida para além da morte.

Quando morre um cigano, o choque é grande e o desgosto é profundo. “Usam luto rigoroso durante anos, os homens deixam crescer a barba e o cabelo. As viúvas cortam o cabelo, que é entrançado com flores e lançado no caixão do defunto” como salienta Viegas (1993, p. 129). As viúvas nunca mais deixam o luto, o lenço na cabeça e também nunca mais voltam a casar.

Para Coelho (1995, p. 190) “ têm o culto dos antepassados e visitam as campas dos seus familiares. É costume acompanharem os mortos, tanto homens como mulheres e é outra das ocasiões em que está presente o

sentimento de fraternidade que os une. Vestem preto e as viúvas cortam o grosso cabelo, chegando por vezes a rapar o cabelo e usam um lenço amarrado à cabeça”.

A comunidade como um todo, respeita as famílias que estão de luto, mostrando-lhes a sua solidariedade através de apoio afectivo e material.

Segundo Nunes (1996, p. 281) “ a exteriorização de tristeza pela perda dos seus parentes manifesta-se, sobretudo na ocasião do enterro, no aniversário da sua morte e no dia de finados”.

Depois do enterro o morto deve poder descansar. Os ciganos têm respeito, amor e saudade, mas jamais devem ser nomeados. O seu nome não pode ser dito, nem utilizado para qualquer outra criança que nasça.

“ Um insulto a um morto, ou uma praga em que este seja mencionado, pode originar graves consequências. Da mesma maneira, não há jura mais sagrada e credível, do que a jura pelos mortos” segundo Pinto (2000, p. 59)

Nas situações de hospitalização, os familiares mais próximos entram num estado de luto que só termina quando o doente regressa a casa. Se a situação é grave não participam em festividades, desligam-se de actividades de lazer, perdendo a vontade de trabalhar. Quando as visitas não são permitidas, a família permanece à porta do hospital, recebendo a solidariedade de familiares e amigos, abandonando a situação quando a doença estabiliza.

“ Diariamente visitam o doente levando-lhe alimentos e os filhos pequenos, que a mãe, quando é esta, a estar internada, procura amamentar e reter “ refere Pinto (2000, p. 58). Mesmo nas situações de parto verifica-se a unidade da família: todos se preocupam com a mãe, com as suas dores.

1.3. O Casamento

O casamento celebra-se, com frequência, durante a adolescência, entre jovens que foram prometidos pelos pais, durante a infância. O casamento é uma das tradições mais valorizadas e preservadas entre a etnia cigana, pois representa a continuidade da etnia. Geralmente, o casamento é decidido pelos pais. O pai escolhe com quem vão casar os filhos. O pai do noivo tem a

responsabilidade de pedir a filha ao pai, como noiva e futura mulher para o seu filho. Este ritual significa que tanto a noiva como o noivo desejam casar. O casamento é a maior festa dos ciganos. Através dele, o cigano adquire o papel social do adulto e daqui resulta um pacto social entre os grupos, aos quais os noivos pertencem, refere Liégeois (1989, p. 56).

Tem centenas de convidados e a festa pode durar uma semana. Realizam-se ao ar livre, em campos de futebol, praças ou feiras. A boda é celebrada conforme as comunidades, mas sempre com muita fartura e alegria. A festa começa pelo tradicional almoço, cozinhado em tachos de barro, ao ar livre. Depois do almoço começa o baile que se prolonga por vários dias. A cerimónia do casamento costuma ocorrer na primeira noite: consiste na “prova de virgindade” da noiva, que está a cargo de algumas mulheres de respeito e que tenham casado com boda.

“Só as mulheres casadas podem presenciar a cerimónia, e dessas só as que casaram com o rito da boda cigana” afirma Nunes (1996,p225).

A noiva veste de branco e num compartimento separado se efectua a cerimónia, enquanto os convidados cantam canções em “ Romani” com alusões à noiva. Depois da cerimónia cabe ao padrinho pegar na noiva ao colo e a dançar com ela. A festa termina, passados alguns dias com a “sopa da noiva”, oferecido aos convidados, preparada pela noiva, sogra e cunhadas como símbolo da sua condição de casada.

“ Os casamentos são ocasiões para reuniões da família extensa e muitas vezes é nessas ocasiões que conversam e contratam os casamentos para os filhos, que normalmente contraem matrimónio mais cedo. O amor dos filhos é muito forte, bem como o respeito da autoridade paterna, o amparo aos idosos e, sobretudo, a solidariedade” afirma Nunes (1996, p. 213).

A maior parte dos ciganos encontram-se numa situação de união de facto que eles consideram um verdadeiro casamento, difícil de quebrar. Durante a sua vida a mulher tem de ser fiel ao marido, cumprindo assim, o seu dever. “ Dada a grande importância da família e das relações de parentesco na sociedade cigana, fácil é concluir que o casamento, como primeiro passo para a formação da família, revista um carácter absolutamente fundamental” no entender de Nunes (1996, p. 211).

O casal passará a viver com os pais do noivo, até ao nascimento do primeiro filho, altura essa que irá habitar a sua própria casa.

1.4. O Papel da Mulher na Comunidade Cigana

Na comunidade cigana, a mulher beneficia no seio da família de todo o respeito e admiração que lhe confere o seu papel de mãe. No entanto, ainda criança, submissa e obediente à vontade de seu pai; adolescente obedece ao pai e ao irmão mais velho; enquanto esposa, é a vontade do marido que se submete; quando é velha, deve obediência aos filhos.“ Na actividade profissional, a mulher cigana apoia o seu marido acompanhando-o nas feiras. Ela tem plena consciência da responsabilidade da posição que ocupa no seio da família e sente-se orgulhosa” refere Nunes (1996, p. 182). Desde tenra idade que a rapariga ajuda a mãe nos trabalhos domésticos e a criar os irmãos mais novos. As mulheres desempenham um papel muito importante na coesão familiar, na educação dos seus filhos, na transmissão da cultura e dos costumes da etnia cigana aos seus filhos. Têm que providenciar o sustento da casa, quer pela venda, quer pela leitura da sina ou pela mendicidade.

1.5. Língua

Hoje a maior parte dos ciganos da Península Ibérica falam o português e o espanhol. Os mais velhos, ainda teimam em falar “caló”.

A história, a cultura e a literatura cigana percorrem gerações, contadas oralmente, de boca em boca. É uma cultura ágrafa (de tradição oral). Este é um dos sinais de identidade mais importante deste povo. Une as pessoas que estão espalhadas pelo mundo.

Estudos linguísticos do sânscrito, confirmam que o “romani”, língua falada pelos ciganos, é de origem indiana. O romano é a língua cigana universal, o que permite que ciganos de todo o mundo possam comunicar entre eles.

1.6. Ocupação

Tradicionalmente, em especial em meios rurais, os ciganos monopolizavam algumas profissões, tais como negociantes, tosquiadores, ferreiros, etc.

“A cultura cigana entende o trabalho como uma ocupação livre e flexível, identificada com o negócio (venda ambulante) onde não se impõem ritmos, horários e produções, já que o cigano não planeia – vive o dia a dia”, refere Pinto (1995, p. 56).

Para poderem subsistir e manter a sua autonomia laboral, toda a família trabalha em conjunto, contribuindo assim para a economia familiar. Desde que a idade o permita, as crianças participam nos trabalhos dos pais, adquirem experiência e os pais organizam uma maior variedade de actividades com o propósito de lhes proporcionar diversidade de competências.

A sua falta de escolarização limita-os na escolha da profissão, e para a maioria o único meio de subsistência da família é o trabalho por conta própria, nas feiras ou no mercado, podendo-se dizer que a economia destas famílias é instável. Os ciganos preferem a ocupação no comércio ambulante, porque lhes permite um certo grau de autonomia.

O cigano tem dificuldade em aceitar um horário e gosta de ser ele a tomar as decisões, pelo que seria difícil aceitar “patrões”.

2. Escolarização das Crianças

“A escolarização das crianças ciganas está numa encruzilhada.”

Thomas Acton, citado por Costa (1996, p.47).

A família é a primeira instituição educativa. É a família que ensina a criança a conhecer o seu corpo, a língua, as relações com as pessoas e objectos, os valores e atitudes, as tradições e os costumes. A sua personalidade forma-se na interacção familiar. “... a família, é e sê-lo-á, sem dúvida por muito tempo, a mais pequena célula no seio da qual o ser humano se socializa no início da sua vida” por Georges (1990, p.60).

“A eficácia da socialização na família deve-se à teia interactiva que é a vida em família com os seus valores, atitudes regras; os modelos comportamentais propostos pelos adultos; os castigos e recompensas impostos; a profunda relação efectiva com os pais” refere Cabanas (1979, p.223).

Sendo a escola a instituição de socialização/integração a cultura dominante, é fácil perceber como ela representa, no caso da criança cigana, não uma continuidade do trabalho iniciado pela família, mas a ruptura com os valores assimilados no seio familiar. A criança, ao entrar para a escola, é portadora de saberes, fruto de experiências herdadas pelas gerações adultas do grupo.

Podemos dizer que, em muitos aspectos, a educação que os pais ciganos dão aos seus filhos corresponde aos valores que os educadores, à sua volta, desejariam pôr em prática com as crianças da sua própria sociedade: autonomia, responsabilidade e valores comunitários.

Os ciganos, grupo minoritário que tenta preservar a sua cultura, são forçados, pela sua inclusão na sociedade dominante, a frequentar a escola, obrigatória por lei com o fundamento de que assim poderão adquirir saberes, desenvolver capacidades e competências que lhes permitam sobreviver e intervir na sociedade como cidadãos de pleno direito.

A questão da obrigação escolar, no caso das crianças ciganas, deve considerar-se com muita prudência e de modo variado. A frequência escolar tornou-se obrigatória para os ciganos no decurso do desenvolvimento de políticas de negação como reclusão e assimilação. A etnia cigana aparenta perante a escola, as mesmas atitudes que caracterizam as suas relações com um conjunto de instituições que o rodeiam: a escola é uma instituição estranha encarregue de transmitir as normas culturais que o cigano não compartilha. “Para as crianças que correm ao sol, ao pó e também ao frio, quase despidas, convivendo com os cães e com os cavalos numa grande liberdade de movimentos largos e em exercício de actividades não controladas pelos adultos, como poderão elas suportar a escola que o Sistema Educativo lhes oferece?” (Cortesão, 1995).

O insucesso, o desinteresse e o abandono pela escola é uma constante nesta minoria. “Na escola exigem-se trabalhos para os quais é necessário concentração, trabalhos rotineiros que nada têm a ver com a sua experiência do quotidiano. Que pode a escola oferecer de aliciante, de suficientemente importante para que justifique ir-se lá de forma assídua e cumprindo horários, a pessoas que circulam ao ritmo das feiras, casamentos e outras festas e que não são aceites pelo mercado de trabalho regular?”. (Cortesão, 1995).

As crianças ciganas geralmente não aprendem o que os currículos exigem, ou aprendem mal, e também não se interessam muito pela escola. “Existem vários obstáculos que criam problemas à escolarização das crianças ciganas que respondem pelo absentismo e pouco sucesso escolar, como por exemplo, as condições de habitabilidade sem quaisquer condições sanitárias, a situação de analfabetismo de alguns pais e a falta de compreensão e aceitação por parte de alguns docentes”. (Nunes, 1989).

Um percurso escolar dependerá da forma como a escola souber valorizar as diferentes formas de excelência dos seus alunos, para que as diferenças se tornem, efectivamente, enriquecedoras, ao invés de se transformarem em desigualdades fomentadoras do insucesso. “Quando num mesmo grupo se associam situações socioeconómicas de grande depressão com o facto de as crianças serem etnicamente diferentes dos grupos

dominantes, as situações de marginalização e de exclusão serão muito mais pesadas”. (Cortesão, 1995).

Conceber actividades educativas que vão de encontro dos conhecimentos de que os diferentes grupos sócio-culturais são portadores, que não destrua mas rentabilize e que estimule o respeito pelas raízes culturais parece ser uma estratégia com possibilidade de captar e desenvolver o interesse das crianças ciganas e de outros grupos minoritários. Poderão, de facto, conseguir que as crianças gostem mais da escola, falem menos e realizem com maior prazer as tarefas que lhe são propostas.

Os dispositivos pedagógicos terão de ir de encontro de preocupações, interesses e vivências que estas crianças têm em casa, na rua, no bairro, servindo de veículo para a aquisição de saberes e capacidades curriculares importantes.

CAPÍTULO II

Atitudes

1. Atitudes: Conceito e Características

Muito embora seja uma noção que, intuitivamente, todos nós temos de forma mais ou menos precisa de uma ideia sobre o que é o conceito de “atitude” está longe de corresponder a uma noção de senso comum. A sua definição, ou pelo menos tentativa de tal, é requerida antes de mais, para auxiliar a compreender desenvolvimentos subsequentes e a precisar os contornos mais concisos que pode assumir em contexto escolar.

Alcântara (1995, p. 9) afirma que “atitude” “ é o sistema fundamental pelo qual o homem ordena e determina a sua relação e conduta com o seu meio ambiente”.

Neto (1997) refere alguns aspectos que completam esta caracterização. Para este autor, às atitudes extraem-se características que são copiadas a partir do modo como as pessoas se comportam, são dirigidas em direcção a um objecto psicológico ou em relação a uma categoria, isto é, dirigem-se a objectos tais como, uma casa, um automóvel, etc., pessoas, ideias abstractas como o medo, ou comportamentos como o de fumar, beber, dormir, etc. Por outro lado as “atitudes” são provenientes da experiência própria ou alheia e, como tal são passíveis de modificação.

2. Atitudes dos Ciganos na Escola

Nos nossos dias, a escola é uma instituição que, directa ou indirectamente, atravessa a vida da maior parte das famílias condicionando a sua organização e ritmo de vida. Quando entram na escola, as crianças conhecem dificuldades de variada natureza porque, para elas, as noções de tempo e o modo de o utilizar, são diferentes e contrastam com disposições culturais próprias.

Geralmente as crianças ciganas são criadas, num enquadramento social, em que aspectos como a liberdade de movimentos, horas de deitarem e de se levantarem, formas de ocupação do tempo, entre outros, são

radicalmente diferentes daqueles que, supostamente, são os associados às crianças não pertencentes à etnia cigana. Os horários da escola e as obrigações por ela estabelecidas às crianças determinam os quotidianos não só das crianças e jovens que a frequentam mas também dos seus familiares e amigos.

A escola é, por vezes, o primeiro lugar onde as crianças ciganas sentem que são diferentes. Incorporadas em grupos de alunos que já têm relacionamentos entre si, a criança de etnia cigana não se identifica como elemento desse grupo. Manifestações de desinteresse expressas por estas crianças passam, às vezes, pelo facto de que o que acontece na escola não lhes diz respeito e está desligado dos seus quotidianos.

2.1. Socialização

Os alunos oriundos dos grupos socioeconómicos mais favorecidos, possuem raciocínios, desempenhos e expectativas semelhantes aos valorizados pela escola em que ampliam saberes, mantendo ou reforçando a sua identidade cultural. Os alunos pertencentes a outros grupos, com culturas de origem subvalorizadas socialmente, têm de se sujeitar a um processo de aculturação que passa pelo abalar da sua cultura de origem e assimilação pela cultura que lhe é estranha.

As crianças pertencentes a minorias étnicas levam para o espaço educativo diferentes culturais. De facto o que distingue e identifica a cultura dos povos são fundamentalmente os valores, os símbolos e a língua. No entanto, podemos verificar que as sociedades actuais são cada vez mais o conjunto de diversas origens culturais, com características próprias, e que interagem, diariamente, com base em elementos culturais que lhes são comuns.

Na educação a presença de culturas diferentes gera, em todos, vivências de interações estimuladoras da diversidade e da construção de novas identidades.

“A socialização da criança, de etnia cigana, faz-se num determinado registo cultural em que a função é adaptação da criança ao seu meio e não a

um meio estrangeiro e não pertinente como a escola”, de acordo com Liégeois (1989, p. 184).

Em nossa opinião continuam a ser muito deficientes as ofertas de escolarização às crianças de etnia cigana e os processos de reconhecimento da riqueza do seu grupo cultural. A cultura de etnia cigana, mesmo que reconhecida, não possui ainda um estatuto que a valorize, do ponto de vista do enriquecimento de todos os que nela convivem. Para Montenegro (1999, p. 17), as crianças de etnia cigana “continuam a ser as que apresentam maior taxa de absentismo, insucesso e abandono escolar, não conseguindo, em grande número, prosseguir os seus estudos para além do 4º ano de escolaridade”.

2.2. Perspectivas

O povo cigano possui uma organização social muito própria. O modo de organizar a vida, é encontrado e determinado no seio dos elementos de maior idade. A figura do tio, é uma das que se reveste de maior importância. A vida de cigano, gera em torno da instituição familiar que se constitui como que numa cadeia de membros que estabelecem, entre si, laços de solidariedade.

A criança, desde a sua idade mais inicial, é estimulada, a explorar o meio envolvente, a acompanhar os pais nos negócios, a procurar iniciar-se em actividades que iniciam a criança nos primeiros passos para a obtenção de alguma independência. As crianças ciganas são muito mimadas mas têm profundo respeito e amor pelos pais e obedecem prontamente às suas ordens.

Os avós e os pais, destas crianças, são na sua maioria analfabetos e têm resistência a mandar os seus filhos para a escola, com receio de adquirirem hábitos e costumes diferentes dos seus, o que coloca em risco a sua herança cultural.

Segundo Nunes, (1996, p. 419), para “crianças provenientes dum meio analfabeto, a escola se torna difícil e até desconcertante. Os pais não compreendem que a aprendizagem é árdua e demorada; que as crianças precisam de auxílio que eles não lhes sabem dar, e de estímulo para superar os obstáculos em que tropeçamos”.

2.3 Representações

A representação ou imagem que o indivíduo tem acerca da sua experiência pessoal resulta das interacções que faz no contexto onde está inserido.

Para que uma criança cigana sinta auto-estima é necessário sentir-se valorizada e reconhecida nas suas diferenças étnicas, culturais e linguísticas.

Para Montenegro, (2001, p. 238), “é importante fortalecer a autoconfiança da criança contribuindo para a construção da sua auto-estima, neste caso do orgulho cigano”.

A imagem que os pais têm da escola exerce influência sobre aquela que a criança terá e, por conseguinte, sobre o seu futuro nesta instituição. Se esta imagem for positiva, se os pais contam com bons resultados, a criança vai sentir-se em segurança, num meio já conhecido; pelo contrário, se o sentimento de estranheza dominar, a criança rejeitará um mundo, que segundo o seu sentimento, logo à partida a terá rejeitado.

Para as famílias de etnia cigana, a leitura e a escrita representam funções principais do papel escolar.

A forma como os professores acolhem e se relacionam com as crianças de etnia cigana é de enorme importância. As situações de negação são as que estão muitas vezes na origem de abandonos escolares, com representações negativas que constroem da instituição ou de si próprias. A valorização dos quotidianos das crianças, as actividades relacionadas com o seu dia-a-dia e o sentirem-se “acarinhadas”, influência, positivamente, a atitude em relação à escola. Tudo isto é importante para a construção de auto – conceitos positivos e o desejo de aprender.

CAPÍTULO III

Problemática e Metodologia

1. Problemática

Neste capítulo aborda-se a problemática que serviu de base ao estudo desenvolvido e a metodologia usada para atingir os objectivos propostos.

Nas últimas décadas, a sociedade tem vindo a ser caracterizada por uma crescente diversidade étnica. Isto deve-se em parte ao processo de globalização nas sociedades desenvolvidas, e das relações que Portugal desenvolveu com outros povos ao longo dos tempos.

A crescente diversidade étnica coloca novos desafios aos diversos níveis e actores do sistema educativo, e por isso os professores devem ter uma atitude reflexiva. É necessário dar igualdade de oportunidades às minorias étnicas.

Assim, a escola tem de respeitar as diferenças culturais, promover a auto-estima e a auto-confiança das crianças, promover interacções sem preconceitos e discriminações, criar oportunidades para que todas as crianças adquiram as competências necessárias para atingirem os bens sociais.

Reconhecendo-se a importância do impacto das diferentes culturas no campo académico, torna-se crucial adoptar uma postura activa, que passe, antes de mais, por detectar e compreender as diferentes atitudes e comportamentos das crianças de diferentes etnias em contexto escolar, para assim, mais facilmente, chegarmos aos seus valores mas intrínsecos e às suas concepções da realidade. São estas, juntamente com as influências que recebem do seu meio envolvente, que irão ditar as experiências, os interesses e os esforços desenvolvidos por cada criança.

O centro da nossa problematização localiza-se nas atitudes dos alunos ciganos na escola, no entanto também achamos relevante a opinião dos encarregados de educação. Ao longo do nosso estudo propomo-nos atingir os seguintes objectivos:

- Atendendo às respostas das crianças, pretendemos saber quais as suas atitudes no contexto escolar

- Identificar os motivos que levam as crianças ciganas a frequentar a escola
- Identificar o gosto das crianças pelas diferentes disciplinas
- Analisar significados que a escola tem para a comunidade cigana

2. Metodologia

Opção que se justifica de acordo com Berdie e Anderson citados por Dias (1993, p.180), o inquérito tem como “objecto revelar o que existe como realidade psico-social latente na medida em que procura não só a compreensão das estruturas sociológicas, (...) mas também estudar as relações entre os factos recolhidos, bem como a determinação e a medida dos fenómenos psicológicos colectivos”.

A palavra inquérito em qualquer dicionário aparece-nos como um conjunto de actos destinados a apurar alguma coisa. Em Ciências Sociais, inquérito designa processos de recolha sistematizada, no terreno, de dados susceptíveis de poderem ser comparados. Os tipos de inquérito variam segundo o grau de directividade das perguntas e a presença ou ausência do investigador no acto da inquirição.

Os inquéritos por entrevista e os inquéritos por questionário podem ter diferente estruturação.

Segundo Ferreira, (1986,p.167), “toda a acção de pesquisa se traduz no acto de perguntar. Isto é válido para todo o questionário científico. Tudo se resume a saber fazer perguntas e a identificar os elementos constituintes da resposta”.

Ainda de acordo com a autora que acabamos de citar, “inquérito é, de facto, a técnica de construção de dados que mais se compatibiliza com a racionalidade instrumental e técnica que tem predominado nas ciências e na sociedade em geral.” (1986, p.167). O desenvolvimento tecnológico tem vindo a desenvolver as técnicas de análise de dados, especialmente a nível quantitativo, levando à sua utilização em ciências sociais.

As metodologias usadas estão de acordo com o objectivo que se pretende alcançar: o inquérito por questionário.

2.1. Amostra

Das 326 crianças que frequentam a escola, 289 são não ciganos e 36 são de etnia cigana, no entanto, no presente estudo interessa-nos especificamente as 36 crianças devido ao tema em análise.

É de salientar que apesar de termos esta amostra, os resultados obtidos dizem respeito a apenas 28 alunos, devido ao absentismo dos restantes. O mesmo se passou em relação aos encarregados de educação. Dos 30 inquéritos entregues, apenas recebemos 20, os quais serviram como fonte de informação para o nosso estudo.

Segundo Neto (1986, p.196), “a amostra é um compromisso entre constrangimentos técnicos e materiais, por um lado, e os objectivos pretendidos, por outro. Não é a amostra ideal, é a amostra possível”.

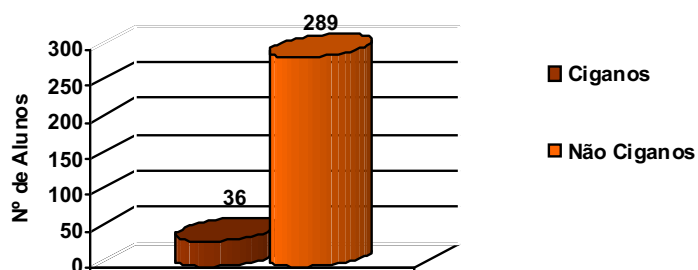


Gráfico 1 – Alunos matriculados na escola no ano lectivo 2007/2008

Existem na escola 36 alunos de etnia cigana, estes dividem-se em dois grupos: aqueles que vem de vez em quando e aqueles que estão matriculados e não vem à escola. Os primeiros quando vêm à escola sentem dificuldade em cumprir as regras nela existentes (estar sentado, executar a tarefa que lhe é proposta...). Relativamente aos segundos, estes não têm quem os obrigue e lhes transmita a importância de vir à escola, pelo menos como defende a maioria dos encarregados de educação de etnia cigana (é só para aprender a ler e escrever).

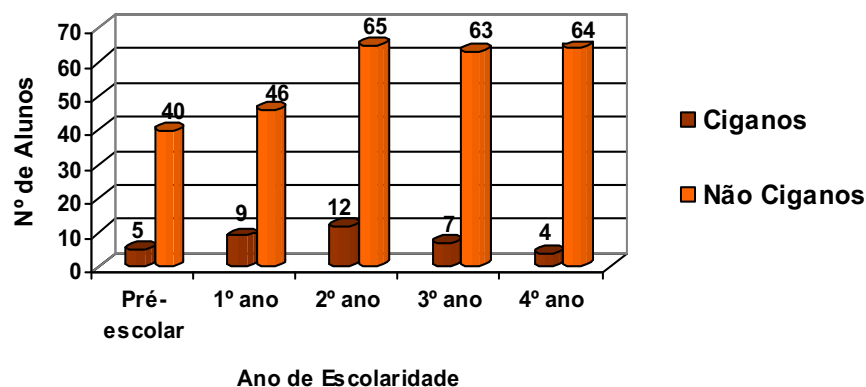


Gráfico 2 – Comparação do número de alunos nos diferentes anos

Ao visualizarmos o gráfico 2 constatamos que apesar de o número de alunos ciganos ter vindo a subir nos últimos anos, continua a ser inferior ao número de alunos não ciganos. Igualmente podemos verificar, que apesar da sua média de idade ser mais elevada, uma grande parte de crianças encontra-se a frequentar o 2º ano escolar e uma minoria o 4º ano do ensino primário. Pensamos que a cultura cigana está lentamente a melhorar, contudo esta mudança é um processo lento e gradual. Contribui também para este aumento a questão relacionada com o rendimento mínimo, pois é condição obrigatória a frequência escolar, para que possam usufruir do subsídio.

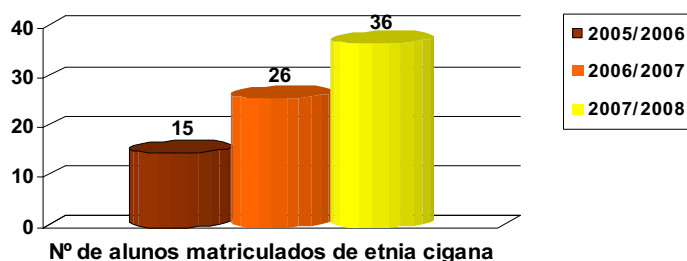


Gráfico 3 – Número de alunos matriculados de etnia cigana

De uma maneira mais clara podemos observar que o número de crianças de etnia cigana matriculadas na E.B.1 do Cerco do Porto, tem vindo a aumentar nos últimos anos tal como se verifica pelo gráfico nº 4.

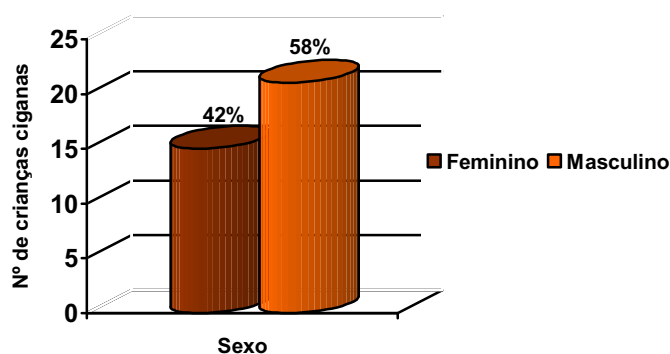


Gráfico 4 – Distribuição dos alunos ciganos por sexos

Ao analisarmos a distribuição dos alunos matriculados, é notória a predominância de elementos do sexo masculino. Constatamos que é o sexo masculino que está mais fortemente representado, com cerca de 58% de rapazes e 42% de raparigas. Isto deve-se ao facto de, as meninas ficarem em casa a tomar conta dos irmãos mais novos é-lhes atribuída também a responsabilidade das lides domésticas, e às vezes acompanham os pais nas feiras. Ainda contribui o facto de na tradição cigana, as meninas serem prometidas em casamento muito cedo e terem de cumprir os seus deveres de esposa, muitas vezes deixando a própria família para se juntar à família do noivo, a qual pode morar noutra localidade. É também de realçar que os rapazes não têm qualquer responsabilidade em casa e casam mais tarde que elas, podendo assim prosseguir os estudos.

2.2. Instrumento

O instrumento utilizado foi o questionário. Como referem Carmo e Ferreira (1998, p.137-147), o questionário é um instrumento com vantagens de “padronização, autonomia e rapidez na recolha de informação”, devido à possibilidade de se recolher opiniões junto de uma população mais alargada.

O sistema das perguntas deve ser organizado por temáticas, de forma lógica, reservando as questões mais difíceis para o final.

Normalmente um questionário tem vários tipos de perguntas: perguntas de informação, perguntas de descanso e perguntas de controlo. Para contactar os inquiridos o investigador tem de ter alguns cuidados:

- Seleccionar os canais de comunicação
- Utilizar técnicas que evitem a recusa de respostas
- Procurar garantir a fiabilidade

Na elaboração de um questionário tem de se ter em conta alguns padrões quanto à construção das perguntas assim como na apresentação do questionário.

Quanto à construção das perguntas:

- O número de perguntas deve ser adequado à pesquisa ou seja “quanto baste”.
- Quanto possível fechadas, para não permitir respostas ambíguas
- Compreensíveis para os respondentes
- Evitar indiscrições gratuitas
- Perguntas de verificação da veracidade das respostas anteriores
- Verificar se o questionário abrange todos os pontos da problemática
- Pertinentes em relação à experiência do inquirido

Segundo Quivy, (1998, p.188), “ o inquérito por questionário consiste em colocar a um conjunto de inquiridos, geralmente representativo de uma população, uma série de perguntas relativas à sua situação social, profissional ou familiar, às suas expectativas, ao seu nível de conhecimentos ou de um problema, ou ainda sobre qualquer outro ponto que interesse os investigadores”.

Na opinião de Neto (1993, p. 163), o inquérito é “ uma técnica bastante rica e maleável para dar resultados sobre o assunto que nos ocupa”.

Assim, e tendo em conta todos estes aspectos, foram apresentados dois questionários a dois grupos diferentes. Um direccionado aos encarregados de educação e outro aos alunos, para cruzamento de informação e obter uma maior veracidade de informação.

2.3 – Procedimentos

Uma pesquisa bibliográfica foi o suporte para a construção do questionário.

O primeiro questionário foi passado às crianças ciganas que frequentam a Escola EB 1J/I Cerco do Porto.

Uma grande parte dos questionários foi preenchida pelas crianças na nossa presença em pequeno grupo. Alguns foram preenchidos na sala de aula com a respectiva professora de turma.

Para a apresentação destes dados tentamos optar por um método de investigação que nos permitisse ajustar às crianças em questão, e que nos possibilitasse ser versáteis e dinâmicas captando assim o seu interesse. Deste modo, achamos que o inquérito, para os alunos que já sabem ler, escrever e que tem mais idade, foi o método capaz de os pôr à vontade não tendo vergonha de responder às perguntas, pois este era um inquérito anónimo. Já para aqueles alunos que não possuem essa competência, pensamos que a entrevista feita a partir de um *focus group* seria a melhor solução, uma vez que estando em grupo não têm vergonha de responder na presença do professor.

Tentamos assim adaptar os métodos e as técnicas ao sujeito para que pudéssemos ter uma recolha de informações que nos leve a perceber a relação das crianças de etnia cigana com a escola, “saber o que é a aprendizagem do ponto de vista do aluno e valorizá-lo para o compreender na sua globalidade”. (Méndez, 2002).

O segundo questionário foi dirigido aos encarregados de educação de etnia cigana dos alunos desta escola, com o intuito de analisar que significado tem a escola para a comunidade cigana.

CAPÍTULO IV

Apresentação dos Resultados

1. Breve Caracterização do Contexto de Origem das Crianças

É de certa forma do senso comum afirmar que as crianças são o nosso futuro. São as crianças as potenciais transmissoras dos valores sociais e morais, que predominam na nossa sociedade. No entanto, pouco se atenta para o facto de que os valores e interesses que orientarão aquele futuro, são inicialmente transmitidos nos primeiros meses e anos das suas vidas. Aqueles que constituem figuras significativas na vida de uma criança desempenham, portanto, um papel fundamental para o futuro da humanidade, na medida em que são eles que promovem inicialmente a socialização da criança.

Vários autores têm debruçado a sua análise sobre o processo de socialização e sobre várias instituições que os accionam. De acordo com Giddens (1997), a socialização é um processo pelo qual as crianças se transformam gradualmente em seres com consciência própria, com saberes e capacidades dentro da cultura que os rodeia.

O mesmo autor refere que embora o processo de aprendizagem cultural seja mais forte na infância uma vez que, esta é uma etapa em que as interacções com a criança mais facilmente podem contribuir para que esta adopte um conjunto de normas, regras e valores. Este mesmo processo continua sem nunca estagnar.

Vai ser a partir deste tipo de abordagens que começam a ser salientadas novas questões no domínio das desigualdades do sucesso da escola, nomeadamente começam a ser consideradas as expectativas e representações das famílias, como elementos a levar em conta aquando da análise do percurso escolar das crianças e das suas atitudes dentro desta instituição.

As crianças integradas no presente trabalho, crescem inseridas em contextos populares de meio urbano, no seio de famílias desfavoráveis tanto em termos de capitais escolares, como em termos de ocupações profissionais dos progenitores. Neste sentido é de todo importante a contextualização da

criança no seu seio familiar, a fim de desvendarmos alguns aspectos relativos à forma como a escolarização das crianças de etnia cigana é vivida pela comunidade.

No entanto, foi difícil contactar com os pais, de maneira a podermos ser o mais concisas possível na realização deste trabalho. Os poucos pais, (20), que aderiram ao convite, permitiram-nos ver que a entrada da criança para a escola não é um processo pacífico, e que as ocupações profissionais destes acabam por reflectir o baixo nível escolar e, sugerem cenários quotidianos de alguma vulnerabilidade.

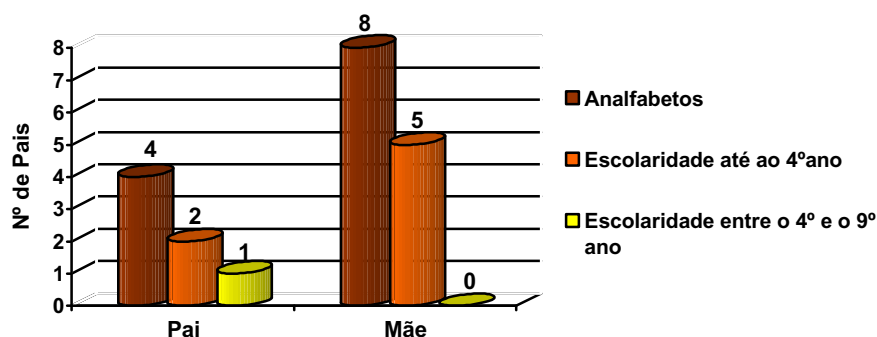


Gráfico 5 – Nível académico dos pais ciganos

Os pais e mães das crianças de etnia cigana possuem habilitações literárias muito reduzidas, tendo a maioria dos pais frequentado o primeiro ciclo e existindo um valor considerável que não detém qualquer grau de instrução. O contacto que estas famílias tiveram com a escola foi muito reduzido ou mesmo inexistente.

É nas famílias ciganas que encontramos pessoas com menos escolarização e, por conseguinte, com profissões mais desqualificadas.

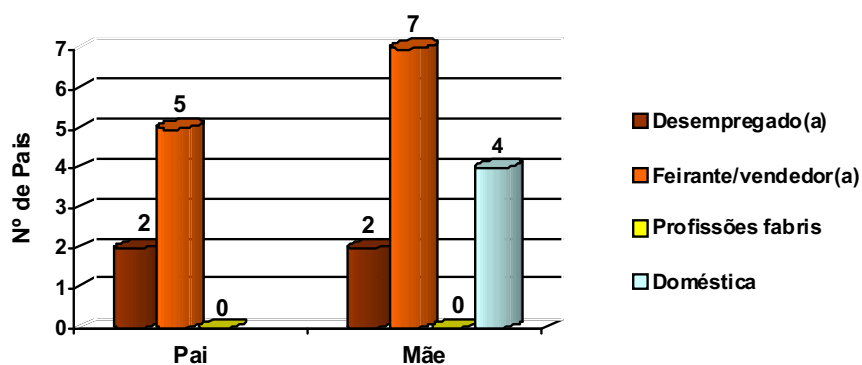


Gráfico 6 – Ocupação profissional dos pais das crianças de etnia cigana

No que concerne aos pais, as profissões que são referenciadas, são essencialmente a profissão de feirante/vendedor e desempregados. Relativamente às mães, a situação profissional também não é animadora. A única profissão referida e que produz algum rendimento é a profissão de feirante/vendedora. Também é se salientar o número de mães domésticas, o que é bastante comum na comunidade cigana.

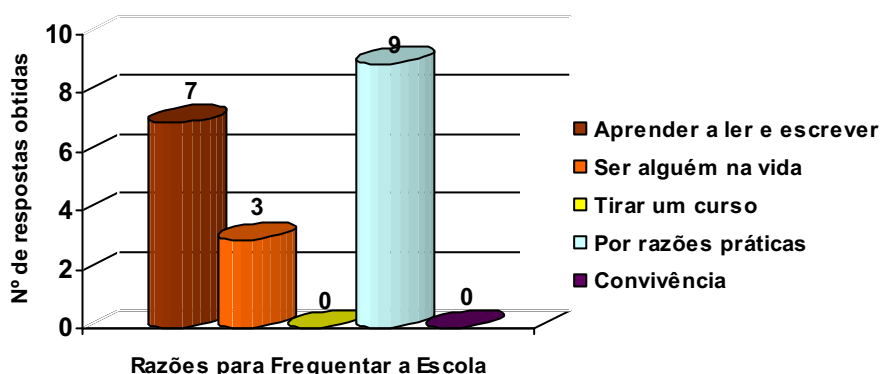


Gráfico 7 – Razões para os pais quererem que os filhos frequentem a escola

As razões para os pais quererem que os seus filhos frequentem a escola, passam essencialmente, por razões práticas, como por exemplo para terem oportunidade de aprender a ler, escrever e fazer contas e assim poderem ajudar no trabalho da família, ou até mesmo para mais tarde tirarem a carta de condução.

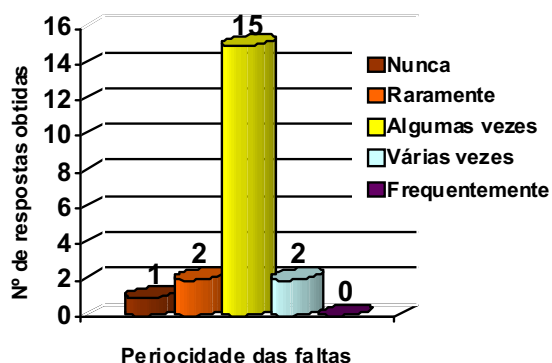


Gráfico 8 – Faltas

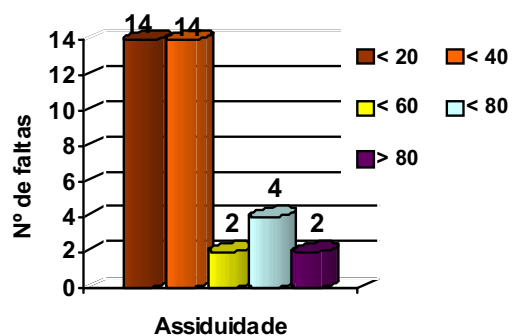


Gráfico 9 – Assiduidade à escola

Apesar de os pais, quando questionados, não admitirem que os seus educandos têm uma assiduidade irregular podemos constatar, através dos registos de assiduidade, que estes possuem um elevado número de faltas, ao

longo do ano lectivo. As respostas obtidas ocultam a realidade sentida no dia-a-dia da escola pelos professores, conforme verificado no gráfico 9.

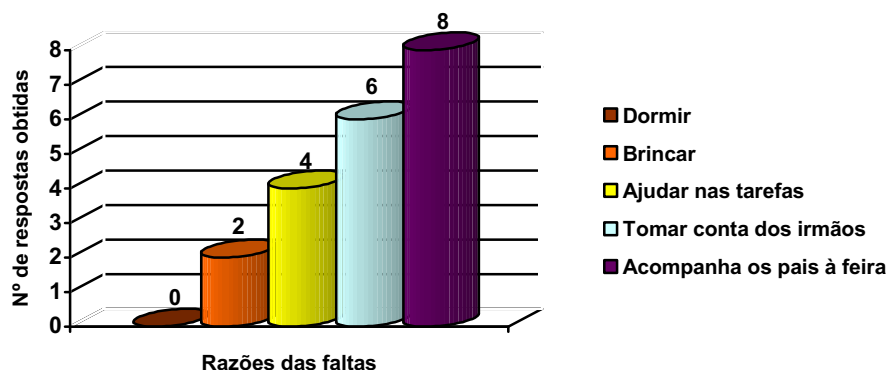


Gráfico 10 – Razões pelas quais os educandos faltam à escola

O facto de a comunidade cigana não considerar a escola importante faz com que dêem prioridade a outras actividades. Situações em que as crianças têm que cuidar dos irmãos mais novos, ou acompanhar a família para a feira, são muito frequentes. Mesmo assim, e conforme é mostrado no gráfico dois pais admitem que os seus educandos, quando faltam à escola, ficam em casa a dormir.

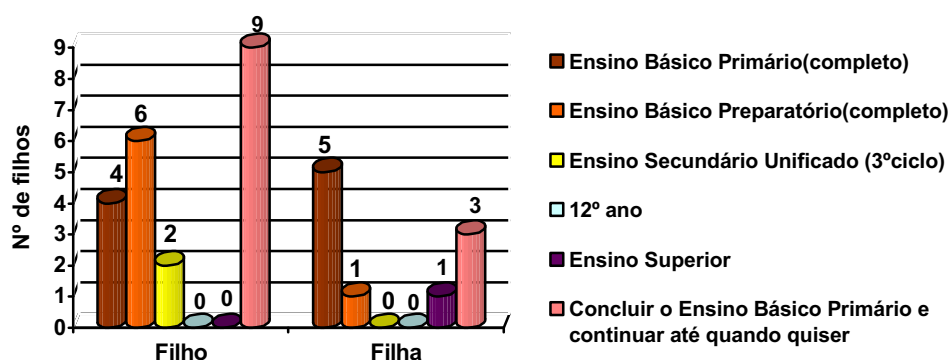


Gráfico 11 – Projecto escolar desejado para os filhos / filhas

Os pais, na sua maioria, gostam que os filhos andem na escola, projectando nos filhos um grau de escolaridade superior ao obtido por eles. No entanto, ainda se denota que existe maior permissividade aos filhos no âmbito das escolhas escolares, sendo que estes poderão escolher qual a escolaridade

pretendida. No caso das filhas é de salientar que as expectativas esperadas pelos pais são, na sua maioria, a de apenas concluir o ensino básico primário.

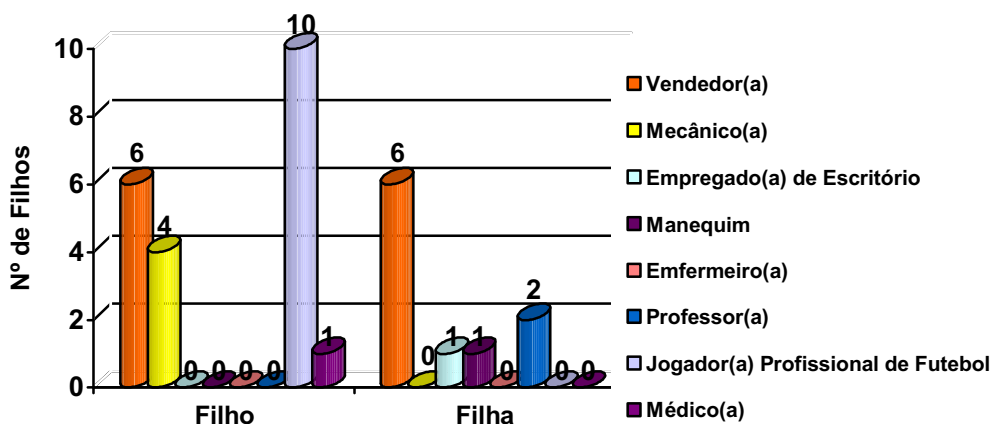


Gráfico 12 – Projecto profissional desejado para os filhos / filhas

Embora a profissão de vendedor seja importante, para dar continuidade ao negócio da família, os pais começam a ter outras expectativas para os filhos, o que poderá ser explicado devido às influências que os meios de comunicação têm, nomeadamente a nível do desporto. O mesmo já não acontece quando se refere às filhas, as quais terão que acompanhar os pais na feira. Contudo a escolha de uma profissão parece não passar tanto pela valorização da escola e do acesso que a frequência desta dá a certas profissões, mas parece passar por questões relacionadas com as vivências quotidianas das crianças.

2. As Preferências Disciplinares das Crianças Consoante as Suas Características Pessoais

Relativamente às disciplinas que mais cativam as crianças abordadas estas são: Expressão Musical e Educação Física tanto no sexo masculino como no sexo feminino.

Quadro 1 – Distribuição do gosto pelas diferentes disciplinas

	Sexo	
	Feminino	Masculino
Língua Portuguesa	3	1
Matemática	1	3
Expressão Plástica	2	2
Biblioteca	0	0
Informática	1	2
Educação Física	3	3
Expressão Musical	3	4

No entanto, verifica-se que as crianças do sexo feminino possuem um maior gosto pela Língua Portuguesa enquanto as crianças do sexo masculino gostam mais da Matemática. Fazendo o balanço das actividades que mais gostam e que menos gostam, destaca-se desde logo pela negativa, as actividades relacionadas com a Biblioteca e pela positiva aparecem as de Informática e a Expressão Plástica.

Este aspecto poderá ser explicado, pelo facto das crianças estarem muito receptivas à novidade e ao próprio desenvolvimento tecnológico e a actividades que lhes permitam alguma liberdade e imaginação. Nas escolas as crianças são confrontadas com todo um conjunto de regras, que por vezes não respeitam as suas. Na Expressão Plástica, ela pode desenvolver o trabalho

baseada apenas na sua criatividade e imaginação, mostrando o que de facto tem dentro de si...

3. A Utilidade que as Crianças Atribuem à Escola

O interesse pelo papel da escola e pela educação escolar é já bem visível nas obras de Émile Durkheim, se bem que a sua perspectiva seja bastante distinta das abordagens actuais. Para o autor a educação, nomeadamente escolar, teria como principal objectivo permitir que a sociedade se reproduzisse. Para a sociedade se manter e reproduzir considera fundamental que os membros tenham entre si um grau de homogeneidade suficiente, o qual seria conseguido através da educação.

Segundo ele, a supremacia do social sobre o individual é algo inquestionável, de tal forma que a educação não tem como objectivo "...o individuo e os seus interesses, a educação é antes de mais o meio pelo qual a sociedade renova perpetuamente as condições da sua própria existência". Durkheim (s/d, p.101).

Contudo e não descorando estas teorias, a crescente multiculturalidade escolar, faz-nos interessar mais pelo interesse e uso individual que os alunos dão à escola.

A verdade é que estes possuem múltiplos interesses e objectivos quando entram para a escola (resultado das vivências familiares), mas também é verdade que depois, as interacções vividas no mundo escolar têm o seu contributo para a alteração, ou não, desses mesmos objectivos.

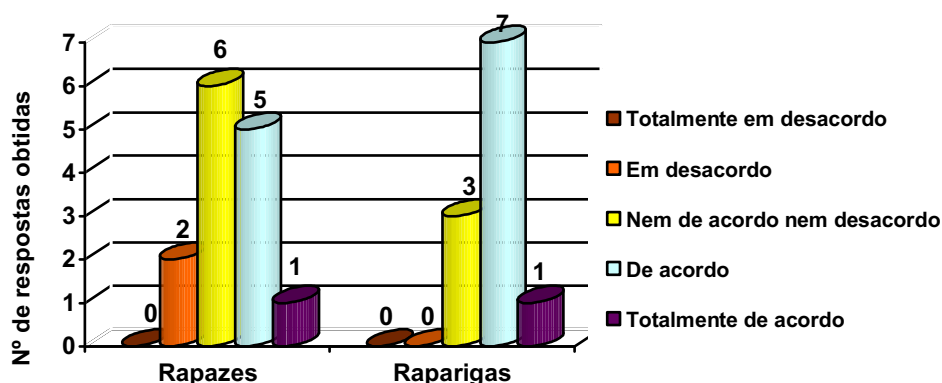


Gráfico 13 – Frequentas a escola para ter uma boa profissão?

Como podemos observar neste gráfico, uma grande parte das crianças de etnia cigana pensam em melhorar o seu futuro tendo uma boa profissão. Comparando os resultados verifica-se que as crianças do sexo feminino são as que afirmam mais prontamente este objectivo.

Não menos importante, foi a questão de saber se as crianças achavam, ou não, se andavam na escola para “ser alguém na vida”, e através do gráfico seguinte, podemos ver que, de facto, a maior parte das crianças estão de acordo com este objectivo e também que os resultados entre os dois sexos estão muito próximos.

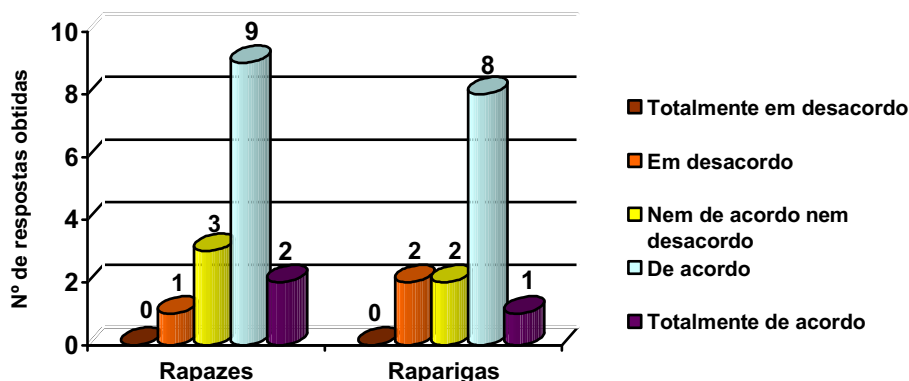


Gráfico 14 – Andas na escola para seres alguém na vida?

A razão destes resultados, pode estar relacionada com o facto de enquanto crianças, interagindo com outros actores, descobrindo neles comportamentos e atitudes que nos servem como referência. Assim, e se é sabido que a cultura cigana é mais fechada sobre si mesma e mais enraizada nos seus costumes e tradições, é natural que as crianças pertencentes a esta

etnia tenham tendência a seguir os mesmos «caminhos» outrora escolhidos pela sua família.

Outra das razões inerentes à frequência escolar destas crianças, passa precisamente, pelo simples facto de terem oportunidade de poder aprender muitas coisas.

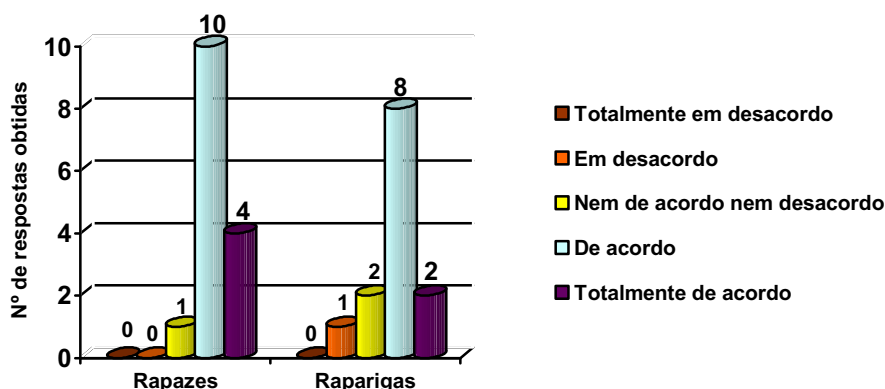


Gráfico 15 – Andas na escola para aprender a ler e a escrever?

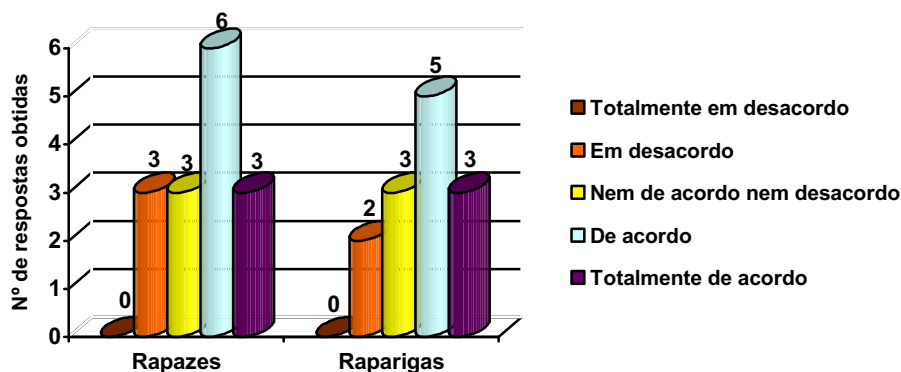


Gráfico 16 – Andas na escola para aprender muitas coisas?

Analisando os gráficos atrás representados, podemos dizer que em relação a estas crianças, há uma espécie de contradição nos seus objectivos escolares ou falta de noção sobre a aprendizagem desenvolvida na escola. Por exemplo, se um grande número de crianças, afirma que anda na escola para aprender muitas coisas e se um número considerável refere que só anda na escola para aprender a ler e a escrever, isto significa que há uma percentagem elevada de crianças que situa, simultaneamente, a sua resposta nestes dois

extremos. Isto significa que, partindo do pressuposto, que as crianças foram verdadeiras nas suas respostas, a noção das possibilidades de aprendizagem escolar é bastante simplista e reduzida.

Contudo, e apesar destas questões, a verdade é que as crianças sabem que a escola é um lugar onde se aprende várias matérias, mas também sabem que é no contexto escolar que nascem novas amizades e desenvolvem as suas brincadeiras. Aliás, um estudo feito por Pais (2000), demonstrou que o espaço preferido de muitos estudantes era, precisamente, o recreio e os locais de lazer. Analisando os gráficos seguintes, podemos ver que também neste caso, as crianças utilizam a escola para este fim.

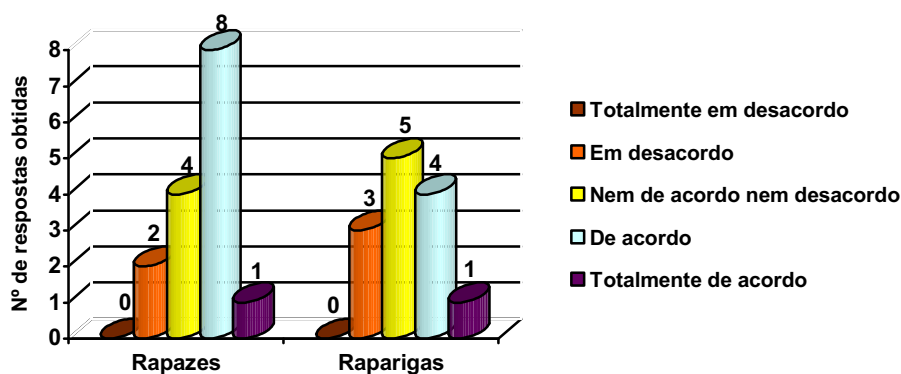


Gráfico 17 – Andas na escola para fazer amigos?

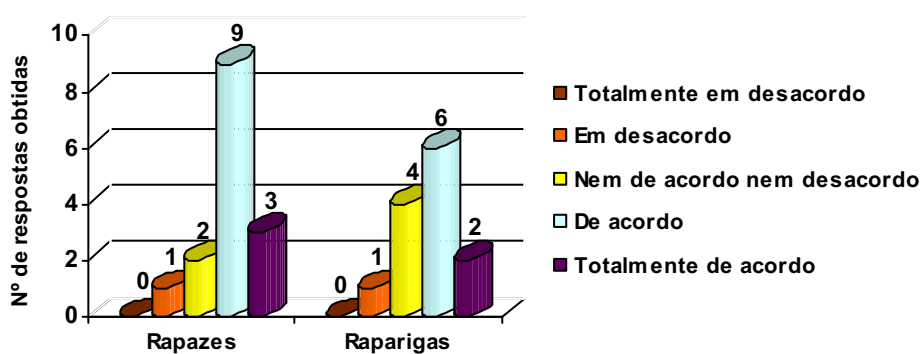


Gráfico 18 – Andas na escola para conviver com os colegas?

Através dos gráficos anteriores, verificamos que 12 das crianças admitem que andam na escola para fazer amigos e 15 reconhecem que andam na escola para conviver com os colegas.

4. Relação com o Professor

A Matemática, a Língua Portuguesa, o Estudo do Meio, desenhar e pintar não são as únicas coisas que a escola ensina às crianças. Existe na escola um «currículo oculto» que facilmente passa despercebido aos olhos menos atentos. Este engloba o conjunto de todo o tipo de aprendizagens que a criança desenvolve dentro do contexto escolar.

Efectivamente, a escola é um lugar que promove uma aprendizagem social mais ampla que permite que as crianças aprendam a lidar não apenas com conteúdos programáticos mas também com outros aspectos da vida social.

“ A escola é o local onde cada um se põe à prova em conflitos sociais de um tipo diferente daqueles que são vividos na célula familiar” Postic (1992, p.36). Desta forma, ela contribui para o desenvolvimento pessoal da criança e para a construção da sua identidade.

Por tudo isto, o contexto escolar, e as interacções que nele se desenrolam, revelam-se preponderantes para a construção da identidade e da auto-imagem da criança, nomeadamente as interacções que desenvolve com o professor.

Na escola a influência dos adultos sobre a criança é grande. O primeiro encontro da criança na instituição escolar é aquele que estabelece com o professor. No primeiro ciclo, em que a criança tem apenas um docente, a identidade que a criança vai construir depende da percepção da criança acerca da imagem que o professor tem dela. O professor vai surgir como um modelo extra-familiar para a criança, conduzindo o aluno a assumir novas atitudes, novos valores, novos conhecimentos e novas motivações. A relação que se desenvolve entre o professor e o aluno vai, neste sentido “ muito mais além duma simples relação mecânica, superficial, de professor para aluno, mas tem grandes implicações emotivas e instaura uma interacção mais profunda” Giorgi, (1980, p.90).

Neste sentido, procuramos perceber até que ponto as atitudes e a forma de estar na sala de aula por parte do professor, poderia influenciar a motivação das crianças. E para isso, torna-se crucial percebermos qual a imagem e a opinião que as crianças têm do seu professor.

Assim, pela análise do gráfico seguinte, podemos ver, desde logo, que a maior parte das crianças está satisfeita com o seu professor.

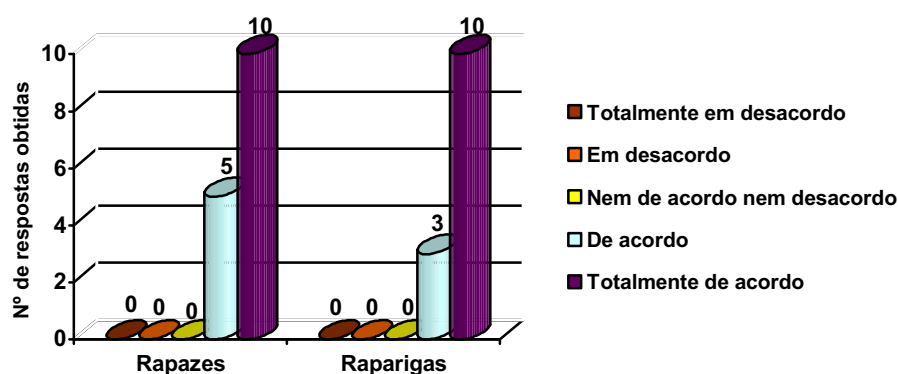


Gráfico 19– As crianças gostam do professor?

Relativamente a esta pergunta, as crianças, manifestam esta atitude positiva, embora de um modo moderado nas suas respostas. No entanto, 20 alunos, alegam que estão “totalmente de acordo”, que gostam do seu professor.

Um outro aspecto que surge para completar a análise sobre a satisfação das crianças em relação ao seu professor, passa precisamente, pelo facto de saber se as crianças gostam da forma como este lecciona as matérias em sala de aula, e em relação a isto, podemos ver no gráfico seguinte que, tal como acontecia no caso anterior, os alunos mostram-se de uma maneira geral satisfeitos com o seu docente.

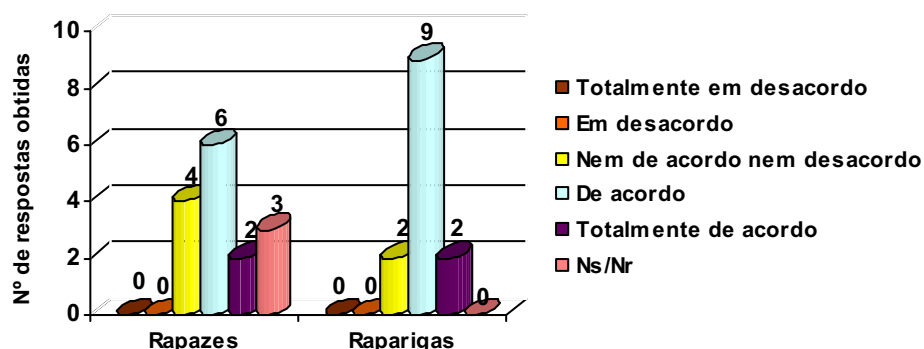


Gráfico 20 – Na tua opinião o teu professor faz actividades interessantes?

De facto, a relação com os professores, elementos mais visíveis e representantes de todo o sistema educativo, é um aspecto que nos permite compreender algumas atitudes das crianças face à instituição escolar.

Vemos que o maior ou menor interesse, e/ou maior ou menor investimento da criança está profundamente relacionado com o tipo de relação que a mesma tem com o professor e com o tipo de investimento que o professor faz nela. Aliás, “numerosos estudos têm demonstrado a importância dos investimentos afectivos vividos pelos professores em suas salas de aula, sem que, na maioria das vezes, os próprios professores se dêem conta desses fenómenos” (Freire, 1984, p.112).

Vemos também, que a intensidade da influência do professor sobre a criança depende da sua própria etnia, logo dos seus valores, costumes e tradições. No entanto, vemos que quando as crianças gostam do seu professor, ou seja, quando este estabelece uma relação baseada na confiança e na afectividade, as crianças tendem a ter comportamentos mais positivos em relação ao trabalho desenvolvido na escola. Como se este esforço, se tornasse numa espécie de recompensa para o professor que é socialmente integrador e encorajador para os alunos.

5. Perspectivas Futuras

5.1. As Perspectivas Escolares

Ser criança é sorrir. Ser criança é brincar. Ser criança é sonhar. Mas ser criança é também aprender. A infância surge como um momento fundamental para todo o ser humano, é um período em que vivemos uma série de aventuras se considerarmos como aventura o partir à descoberta de novos mundos. Cada um desses mundos pode suscitar na criança sentimentos de atracção ou temor, de curiosidade ou apreensão, mas ao longo do tempo vai tentar identificar-se com eles.

Se tivermos em consideração a etnia das crianças, podemos encontrar alguma variação na forma como estas se vão adaptando ao mundo escolar.

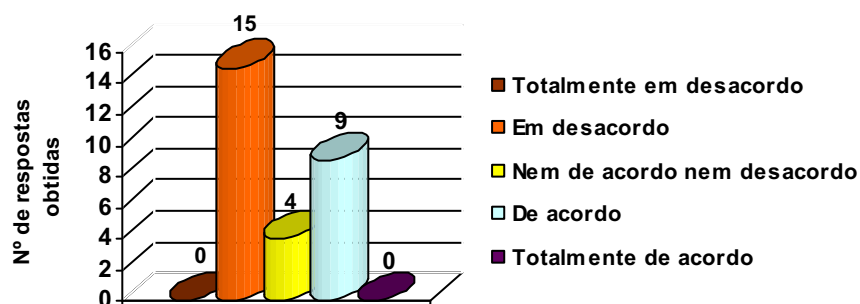


Gráfico 21 – Relação entre o gosto de andar na escola e a vontade de tirar um curso

Ao analisarmos o gráfico acima representado, podemos ver que, de facto, as crianças de etnia cigana apenas consideram prosseguir estudos se gostarem de andar na escola. Verificamos que 15 alunos declaram que não têm como objectivo tirar um curso. Por outro lado, podemos ver que 9 crianças por gostar de andar na escola já ambicionam prosseguir estudos.

Este aspecto está, mais uma vez, ligado à cultura em que a criança está inserida, pois sabemos que na cultura cigana, todos os conhecimentos, todas as regras, normas e valores considerados como fundamentais são transmitidos pela família. A socialização escolar passa a ser apenas uma parte muito reduzida, ou mesmo nula, da educação das suas crianças.

5.2. As Perspectivas Profissionais

“Que profissão gostarias de ter quando fores grande?” Eis uma questão que praticamente colocamos a todas as crianças, mas que inconscientemente ignoramos a sua importância. É certo que as crianças inquiridas inserem-se numa faixa etária onde este tipo de decisões está longe de ser pensado objectivamente, contudo, as suas respostas aparecem como sendo o reflexo mais evidente das suas vivências quotidianas e dos seus projectos futuros.

Indo em busca desses projectos, verificamos que independentemente da etnia das crianças, elas têm sonhos e idealizam projectos muito variados, sendo que muitas vezes eles aparecem como o resultado das suas inter-relações estabelecidas na rua, na escola e principalmente na sua família. Ao mesmo tempo, através desses projectos, podemos fazer uma análise mais profunda sobre a sua relação com a instituição escolar, e perceber mais um pouco o papel que esta desempenha para as crianças inquiridas.

Quadro 2 – Profissão que as crianças gostavam de ter

	Sexo	
	Masculino	Feminino
Actriz	0	1
Feirante	2	2
Cabeleireira	0	3
Futebolista	7	0
Enfermeira	0	1
Mecânico	1	0
Médico	1	1
Professora	0	5
Segurança	1	0
Polícia	3	0
Total	15	13

Ao visualizarmos o quadro, podemos ver que existem profissões largamente escolhidas pelas crianças, como por exemplo, 7 alunos gostariam de ser futebolistas do sexo masculino e 5 alunos do sexo feminino gostariam de ser professoras.

Estas são de facto, as profissões que mais conquistam as crianças nesta faixa etária. O que aliás, poderá ser explicado, por um lado, devido às influências que os meios de comunicação têm, e por outro, porque normalmente as crianças ocupam os tempos livres com estas brincadeiras. Em relação à profissão de professor, poderá ser explicado, pelo facto, das crianças nesta faixa etária verem o seu professor como uma referência e como algo possuidor de poder, conhecimento e, principalmente, por estar constantemente relacionado com o mundo infantil.

As profissões que seguidamente são as mais referidas pelas crianças são: de cabeleireira e de polícia. O que significa que, as crianças tomam como referência profissões mais voltadas para o seu sexo. Como é o caso da opção cabeleireira (mais voltada para o sexo feminino), e da opção policia (mais voltada para o sexo masculino).

No entanto, também podemos ver que, são referidas algumas profissões cuja influência das vivências familiares e da cultura é perfeitamente visível na opção escolhida.

Um outro aspecto que pretendemos abordar com esta questão, é a relação que a escola tem na escolha destas profissões. Assim, se analisarmos o gráfico seguinte podemos ver que relativamente às crianças de etnia cigana, uma grande parte das crianças escolheu profissões que não exigem qualquer curso superior. No entanto, podemos ver que cerca de 8 crianças idealizam profissões que exigem um curso superior. Contudo, a escolha destas profissões pode não ter a ver com a valorização da escola, mas sim com a valorização da componente prática da profissão, sendo que nesta situação a criança não possui consciência que implica um longo percurso escolar, mas tem a consciência que poderá contribuir para a resolução de alguns problemas que afectam a comunidade onde vive.

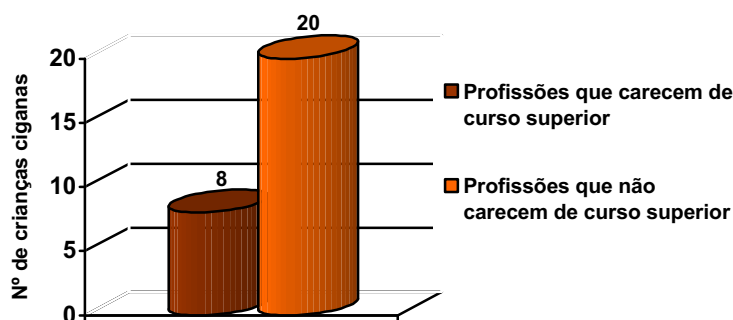


Gráfico 22 – Profissões escolhidas pelas crianças

A escolha de uma profissão parece não passar tanto pela valorização da escola e do acesso que a frequência desta dá a certas profissões, mas parece passar por questões relacionadas com as vivências quotidianas das crianças.

Conclusão

A realização deste trabalho contribuiu para desvendarmos alguns aspectos relativos à escolarização das crianças de diferentes etnias. Embora algumas dimensões tenham ficado por analisar, achamos que o presente trabalho contribuiu para conhecermos e compreendermos melhor alguns aspectos que estão na base dos comportamentos e atitudes adoptadas pelas crianças na instituição escolar.

As conclusões a que chegamos durante todo o processo permitiu-nos descortinar algumas situações que, embora não nos fosse completamente alheias, não tinham ainda sido exploradas.

Assim de acordo com os dados recolhidos, pudemos verificar que a entrada para a escola nunca é um processo pacífico porque implica a inserção num espaço desconhecido, com regras e pessoas que na maior parte das vezes não são familiares à criança. De igual modo, a inserção escolar é vivida de forma diferente de criança para criança, contudo, é nas crianças de etnia cigana que se regista um maior insucesso escolar e maiores dificuldades de integração, pois quando estas entram para a escola encontram mais obstáculos no convívio com colegas de outras etnias.

No que se refere às atitudes das crianças relativamente aos seus colegas de escola, podemos ver que, também neste campo, as crianças possuem de uma forma geral uma atitude positiva.

Não menos importante, são as percepções académicas que as crianças têm. Neste sentido, verificamos que, as crianças que aprendem novas matérias rapidamente, que têm sucesso, estão confiantes das suas capacidades escolares e que são capazes de ter êxito na escola.

Tendo em atenção a análise da variância nestas questões, podemos concluir que a etnia das crianças influencia as suas atitudes relativamente à escola, aos seus colegas e nas suas percepções académicas. Assim sendo a escola adquire uma importância relevante para as crianças, que começam a

ver a instituição escolar como uma ponte para a integração no mercado de trabalho e para a obtenção de um futuro melhor.

Esta utilidade adquire essencialmente para as crianças ciganas um carácter instrumental, onde o aprender a ler, a contar e a escrever surgem como aspectos essenciais não apenas para a inserção no mercado de trabalho, mas igualmente para a realização de outro tipo de actividades importantes, como tirar a carta de condução.

Relativamente ao que mais cativa as crianças na escola, constatamos que as crianças se interessam sobretudo por áreas como as expressões plástica e dramática e a Educação física, áreas essas mais concretas com o tipo de experiências de vida que têm fora do contexto escolar, que lhes permite promover uma negação das normas disciplinares e do próprio currículo imposto pela escola e distanciados face às suas realidades quotidianas, mas que valoriza sobretudo a liberdade de expressão e de imaginação ao mesmo tempo que não exige constantemente um elevado grau de concentração por parte da criança.

Como vimos, as crianças interagindo com os actores sociais, tendem a adoptar os seus comportamentos e objectivos. Na cultura das crianças ciganas está mais voltada para a manutenção das suas tradições e dos seus costumes, e por isso, torna-se mais natural que os alunos ciganos vejam a escola como um local de passagem relativamente curto, mas que lhe possibilite apreender os conhecimentos essenciais para um futuro muito próximo.

Indo ao encontro deste futuro procuramos perceber o que as crianças queriam ser quando fossem mais crescidas. Reparamos que as crianças ciganas motivadas por factores externos, têm tendência a escolher a profissões ditas “na moda”. Mesmo assim, existem crianças que tendem a escolher profissões ligadas à sua cultura, mostrando o desejo de reprodução do contexto actual no qual estão inseridas, o que por si só, também não obriga a uma maior permanência na instituição escolar.

Relativamente à influência do professor nas atitudes das crianças, vimos que a forma como o professor actua na sala de aula conduzia, ou não, a uma maior atenção/concentração por parte dos alunos e a um esforço por terminar os trabalhos escolares. No que diz respeito à opinião dos encarregados de

educação de etnia cigana, em relação à escola, consideram que a mesma lhes dá as ferramentas básicas da vida em sociedade, ou seja, aprender a ler e escrever e fazer contas.

A realização deste trabalho permitiu-nos dar conta das atitudes e dos comportamentos adoptados pelas crianças no contexto escolar e ver de que modo a etnia conduzia a uma diferenciação dos mesmos. Permitiu-nos, desta forma, perceber que a criança é um actor e não um mero figurante neste palco social que é a escola, agindo estrategicamente no enredo que é a sua história de vida. É claro que as suas estratégias estão condicionadas pelos limites estruturais impostos pela família e pela escola. São os contextos em que a criança vive que influenciam, em larga medida, o tipo de estratégias que desenvolvem.

Atendendo a tudo isto, a criança deve passar a ser percebida como uma unidade legítima de observação e marcada por contextos ímpares. Assim, parece-nos admissível pedir que a escola reescreva a sua forma de transmissão de conhecimentos. Seria extremamente importante que estas crianças pudessem aprender vivendo, valorizando-se as suas experiências e dando-lhes a oportunidade de trazer para a escola as aprendizagens que fazem fora do contexto escolar. Falar de uma escola democrática, não é apenas falar de uma escola que dá oportunidade para crianças de várias etnias frequentarem o mesmo espaço, é antes falar de uma escola capaz de rever-se em cada um dos seus alunos, consciente de tudo fazer para que cada um deles possa desenvolver de forma eficaz as suas capacidades e competências, de modo a estar preparado para os desafios que a vida em cada momento lhes proporciona, no respeito pela sua individualidade, ajudando-o assim não só a saber um conjunto de conhecimentos, que provavelmente lhe irão ser úteis mais tarde, como sobretudo a saber ser, ou melhor ainda a saber fazer-se em cada momento circunstanciadamente vivido.

Referências Bibliográficas

- Alcântara, J. (1995). Como Educar as Atitudes. Porto: Plátano Editora.
- Cabanas, J. (1979). Pedagogia Social. Madrid: Editorial Dykinson.
- Carmo, H. Ferreira M. (1998). Metodologia da Investigação. Lisboa: Universidade Aberta.
- Coelho, A. (1995). Os Ciganos de Portugal: Com um estudo sobre o calão. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Cortesão, L., Pinto, F. (org.), (1995). O Povo Cigano: cidadãos na sombra: Processos explícitos e ocultos de exclusão. Porto: Edições Afrontamento.
- Cortesão, L., Stoer, S. (1995). Projectos, percursos, sinergias no campo da educação intermulticultural: Relatório final. Porto: Fundação Calouste Gulbenkian
- Costa, E. M. (1996). O povo cigano em Portugal, da história à escola: um caleidoscópio de informações. Setúbal: Instituto Politécnico de Setúbal.
- Durkheim, É. (s/d). Educação e Sociologia. São Paulo: Edições Melhoramentos.
- Ferreira, V. (1986). O inquérito por questionário na construção de dados sociológicos. In A. Silva e J. Pinto. Metodologia das ciências sociais. Porto: Edições Afrontamento.
- Fonseca, I. (1996). Enterrem-se em Pé: a longa viagem dos ciganos. São Paulo: Companhia das Letras.
- Fraser, A. (1997). História do Povo Cigano. Lisboa: Editorial Teorema.
- Freire, P. (1984). Cuidado, escola. São Paulo: Brasiliense.
- Garrido, A. (1999). Entre gitanos y payos, Relación de prejuicios y desacuerdos. Espanha: Flor Del Viento Ediciones.
- Georges, J. (1990). Cultura Pessoal e Acção Pedagógica. Rio Tinto: Edições Asa.
- Giddens, A. (1997). Sociology. 3ª Edição. Cambridge: polity press.
- Giorgi, P. (1980). As crianças e as suas instituições: A família e a escola. Lisboa: Livros horizonte.

- Liégeois, J. (1989). *Ciganos e Itinerantes*. Lisboa: Santa Casa da Misericórdia de Lisboa.
- Méndez, J. M. Alvarez, (2002). *Avaliar para conhecer, examinar para excluir*. Porto: Edições ASA
- Montenegro, M. (1999). Projecto nómada. In Montenegro (org.), *Ciganos e Educação*, 17-37. Lisboa: SOS Racismo.
- Montenegro, M. (2001). O que aprendi com as crianças e famílias? In A. Almeida e tal. *Sastipen ta li saúde e liberdade: Ciganos – número, abordagens e realidades*. Lisboa: SOS Racismo.
- Neto, F. (1986). *A migração portuguesa vivida e representada – contribuição para o estudo dos projectos migratórios*. Porto: Secretaria de estado das Comunidades Portuguesas – Centro de Estudos.
- Neto, F. (1993). *Psicologia da migração portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Neto, F. (1997). *Estudos de psicologia intercultural: Nós e outros*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica.
- Nunes, O. (1989). *Escolarização das crianças ciganas*. Porto: Livraria Apostolado da Imprensa.
- Nunes, O. (1996). *O povo cigano*. Lisboa: Edição do autor (2ª edição) de parceria com a Obra Nacional da Pastoral dos Ciganos.
- Pais, J. (2000). *As pessoas que moram nos alunos – ser jovem, hoje, na escola portuguesa*. Lisboa: Edições Asa.
- Pinto, F. (1995). *Etnia cigana: realidade sócio: Cultural múltipla e dinâmica*, In L. Cortesão e F. Pinto (orgs). *O povo cigano: cidadãos na sombra*. Porto: Edições Afrontamento.
- Pinto, F. (2000). *A cigarra e a Formiga: contributos para a reflexão sobre o entrosamento da minoria étnica cigana na sociedade portuguesa*, Porto: Reapn.
- Postic, M. (1992). *O imaginário na relação pedagógica*. Rio Tinto: Edições Asa
- Viegas, A., Silva, J. (1993). *Ciganos. Álbum de fotografias*. Lisboa: Edições Colibri.

Este documento foi elaborado por:

Ana Rute Gouveia Lourenço nº 2007267

Anabela do Rosário Lopes de Oliveira nº2007255

Carla Edite M. R. L. dos Santos Correia nº2007261

Com contributos do professor:

João Gouveia

Porto, 11 de Setembro de 2008

Anexos

O presente inquérito faz parte de um projecto de investigação relacionado com o tema “Abrir novos horizontes para a cultura escolar na etnia cigana” desenvolvido na Escola Superior de Educação Paula Frassinetti. Tem como objectivo conseguir um maior conhecimento da realidade do bairro, que possibilite fortalecer a relação escola/família. Os dados recolhidos são confidenciais e anónimos, pelo que agradecemos a sua colaboração e sinceridade. Obrigado

Dados Pessoais:

Idade:
 Sexo: F M

1 – Qual o seu nível Académico?

Analfabeto
 Escolaridade até ao 4º ano
 Escolaridade entre o 4º e o 9º ano

2 – Qual é a sua ocupação profissional?

PAI

Desempregado
 Feirante/Vendedor
 Profissões Fabris
 Outro: _____

MÃE

Desempregada
 Feirante/Vendedora
 Doméstica
 Outro: _____

3 – O seu filho(a) anda na escola?

Sim
 Não

4 – Diga qual a razão porque quer que o seu filho frequente a escola.

Aprender a ler e a escrever
 Ser alguém na vida
 Tirar um curso
 Por razões práticas
 Convivência

5 – O seu filho(a) costuma faltar à escola?

Nunca
 Raramente
 Algumas vezes
 Várias vezes
 Frequentemente

6 – Quando falta o que fica a fazer?

A dormir

A brincar

A ajudar nas tarefas

A tomar conta dos irmãos

Acompanha os pais à feira

Outro: _____

<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>

7 – Qual o projecto escolar que deseja para o seu (sua) filho(a)?

Ensino Básico Primário Completo (1º ciclo)

Ensino Básico Preparatório Completo (2º ciclo)

Ensino Secundário Unificado (3º ciclo)

12º ano

Ensino Superior

Concluir o ensino básico Primário e continuar até quando quiser

FILHO

FILHA

<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>

<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>

8 – Qual o projecto profissional que deseja para o seu (sua) filho(a)?

Vendedor ambulante

Vendedor

Mecânico

Empregado de escritório

Manequim

Enfermeira

Professora

Jogador profissional de futebol

Engenheiro

Veterinário

Juiz

Advogado

Médico

Nunca pensou nisso

Outro: _____

FILHO

FILHA

<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>

<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>

5 – Frequentas a escola para poder ter uma boa profissão?

Totalmente em desacordo	<input type="checkbox"/>
Em desacordo	<input type="checkbox"/>
Nem de acordo nem desacordo	<input type="checkbox"/>
De acordo	<input type="checkbox"/>
Totalmente de acordo	<input type="checkbox"/>
Outra: _____	

6 - Andas na escola para tirar um curso?

Totalmente em desacordo	<input type="checkbox"/>
Em desacordo	<input type="checkbox"/>
Nem de acordo nem desacordo	<input type="checkbox"/>
De acordo	<input type="checkbox"/>
Totalmente de acordo	<input type="checkbox"/>
Outra: _____	

7 - Andas na escola para conviver com outros colegas?

Totalmente em desacordo	<input type="checkbox"/>
Em desacordo	<input type="checkbox"/>
Nem de acordo nem desacordo	<input type="checkbox"/>
De acordo	<input type="checkbox"/>
Totalmente de acordo	<input type="checkbox"/>
Outra: _____	

8 – Andas na escola para fazer amigos?

Totalmente em desacordo	<input type="checkbox"/>
Em desacordo	<input type="checkbox"/>
Nem de acordo nem desacordo	<input type="checkbox"/>
De acordo	<input type="checkbox"/>
Totalmente de acordo	<input type="checkbox"/>
Outra: _____	

9 – Gostas do teu professor?

Totalmente em desacordo	<input type="checkbox"/>
Em desacordo	<input type="checkbox"/>
Nem de acordo nem desacordo	<input type="checkbox"/>
De acordo	<input type="checkbox"/>
Totalmente de acordo	<input type="checkbox"/>
Outra: _____	

10 – O teu professor faz actividades interessantes?

Totalmente em desacordo	<input type="checkbox"/>
Em desacordo	<input type="checkbox"/>
Nem de acordo nem desacordo	<input type="checkbox"/>
De acordo	<input type="checkbox"/>
Totalmente de acordo	<input type="checkbox"/>
Outra: _____	

11 – Qual a profissão que gostarias de ter?

Actriz/Actor	<input type="checkbox"/>
Feirante	<input type="checkbox"/>
Cabeleireira	<input type="checkbox"/>
Futebolista	<input type="checkbox"/>
Enfermeira	<input type="checkbox"/>
Professora	<input type="checkbox"/>
Mecânico	<input type="checkbox"/>
Segurança	<input type="checkbox"/>
Polícia	<input type="checkbox"/>
Médico	<input type="checkbox"/>
Nunca pensou nisso	<input type="checkbox"/>
Outro: _____	

OBRIGADA 